



UCRÂNIA

O último recurso

Casa Branca admite que uma invasão russa pode ocorrer a qualquer momento, classifica a situação como “extremamente perigosa” e envia o secretário de Estado, Antony Blinken, a Genebra para tentar diálogo com o chanceler Serguei Lavrov

» RODRIGO CRAVEIRO

Vídeos mostrando o deslocamento de tanques e caminhões do Exército da Rússia sobre uma locomotiva e a presença de militares de Moscou na Bielorrússia sugeriam, ontem, que o alerta da Casa Branca, ao classificar a situação como “extremamente perigosa” e garantir que “nenhuma opção está descartada”. Em uma insistente e quase desesperada aposta na diplomacia, o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, viajou ontem a Genebra para se reunir com o chanceler russo, Serguei Lavrov, na sexta-feira. Washington espera convencer Moscou a desescalar a tensão. O presidente Vladimir Putin deslocou mais de 100 mil soldados para a fronteira da Ucrânia.

“O que o secretário Blinken fará é destacar que existe um caminho diplomático pela frente”, ressaltou Psaki. “É escolha do presidente Putin e dos russos decidir se vão sofrer graves consequências econômicas ou não.” A tarefa de Blinken não será nada fácil. Ontem, a Rússia exigiu respostas “concretas” antes de continuar a discutir sobre a Ucrânia. Uma das exigências do Kremlin é impedir um avanço da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) no leste da Europa, com a incorporação de países da região.

Em conversa telefônica, Blinken disse a Lavrov que a diplomacia é a solução para mitigar a crise. Ele ouviu do homólogo russo que Moscou aguarda um retorno imediato sobre as demandas apresentadas ao Ocidente. A Rússia teme que a Ucrânia, ex-república da extinta União Soviética, se transforme em uma espécie de base militar para forças norte-americanas e europeias.

Para Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla (Ucrânia), há indícios de que a Rússia busca um *casus belli* — evento ou ato usado para justificar

Alexander Nemenov/AFP



Morador da vila de Vesolye, no leste da Ucrânia, passa perto de memorial às crianças mortas durante bombardeios, entre 2014 e 2016

Eu acho...

Arquivo pessoal



“A Rússia pode destruir a Ucrânia, mas a um preço de rápida deterioração da estabilidade interna e da segurança. A questão é que os Estados Unidos e a União Europeia não controlam a Ucrânia. Eles não podem coagir Kiev a fazer concessões a Moscou. A Rússia sabe muito bem disso, apesar de afirmar que a Ucrânia está sob controle de Washington. Sob esse ponto de vista, Putin apenas tenta criar uma justificativa doméstica para a agressão, assim como Adolf Hitler fez em 1938, quando a Alemanha ameaçou a Tchecoslováquia.”

Petro Burkovsky, especialista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv, em Kiev

uma guerra. “As demandas russas são totalmente irrealistas. Exigir que a Otan não apoie a Ucrânia ou que a aliança militar cesse as operações com a Suécia, a Finlândia e com países-membros do leste da Europa, como as nações bálticas. Além disso, a Rússia ocupou parte da Ucrânia (a Península da Crimeia) e, agora, exige da Otan garantias de segurança”, criticou ao **Correio**. “A situação é assustadora, porque Moscou não parece interessado em um acordo real. Pode ser que o Kremlin queria abrir

um escritório da Rússia na Otan e uma representação da aliança militar em Moscou, a fim de estabelecer uma cooperação em potencial. Mas os russos têm rejeitado essa possibilidade publicamente.”

Petro Burkovsky, especialista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv, em Kiev, contou à reportagem que, entre 17 e 23 de dezembro do ano passado, a entidade para a qual trabalha fez uma pesquisa de opinião pública para conhecer percepção dos ucranianos

Arquivo pessoal



“O governo ucraniano e os serviços especiais regularmente fazem declarações sobre o acúmulo de tropas russas na fronteira. Tenho certeza de que o perigo é real. Mas, estamos em guerra com a Rússia desde 2014. É por isso que a Ucrânia está pronta para responder a uma invasão. O fornecimento de armas antitanque leves por parte do Reino Unido e a recente visita do secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, comprovam que a ameaça é verdadeira e que os nossos aliados internacionais monitoram a situação e estão prontos para ações decisivas.”

Anton Suslov, especialista da Escola de Análise Política (NAUKMA), em Kiev

sobre um ataque russo. “Nós ouvimos 2 mil pessoas. Mais de 45% dos entrevistados disseram que se alistarão ao exército e 21% fornecerão ajuda às tropas do país. Outros 4% afirmaram que fugirão da Ucrânia”, explicou.

Burkovsky acredita que uma ofensiva russa na ex-república soviética é iminente. “O próprio Kremlin não nega isso. Quanto mais a Rússia ameaça, mais os países do Ocidente reconhecem que ela deve ser dissuadida e contida. Se os russos invadirem

a Ucrânia, o custo será alto. Se, em algum caso, o Kremlin decidir desescalar as tensões e reconhecer que começou a guerra de 2014, então, vejo perspectivas para a normalização gradual”, acrescentou.

Por sua vez, Anton Suslov — especialista da Escola de Análise Política (NAUKMA), em Kiev — afirmou que, por enfrentarem oito anos de guerra, os ucranianos estão “acostumados” a novas tensões e tréguas. “No entanto, os cidadãos se preocupam com

a possibilidade de uma agressão completa. Outra sondagem recente indica que 49% dos ucranianos consideram o acúmulo de tropas russas na fronteira com a Ucrânia como um perigo de intrusão russa”, lembrou, por e-mail. No caso de uma invasão, Suslov prevê milhares de baixas do lado russo e o agravamento de tensões internas. “Também veríamos sanções políticas e econômicas mais rígidas contra Moscou. Uma escalada generalizada na Europa não ocorreria por um motivo: a Rússia não está pronta para lutar contra a Otan”, disse.

Brasileiros

A reportagem conversou com brasileiros que vivem na Ucrânia. Natural de São Paulo, a relações-públicas Fernanda Hillario da Silva, 29 anos, mora em Kiev há um ano e meio. “Em caso de invasão da Rússia, eu e meu marido pretendemos sair do país por terra. Estamos montando uma mala com documentos e dinheiro. Temos dois cães e estamos organizando a documentação para levá-los conosco. A intenção é ir para qualquer nação vizinha que esteja com as fronteiras abertas”, desabafou. “Não entendo a ganância da Rússia em invadir a Ucrânia. O povo ucraniano não deseja ser anexado ao território russo. Tanto que houve a revolução de 2014 em torno disso. Eu só gostaria que tudo isso acabasse e todo mundo vivesse em paz.”

Goiano do município de Niquelândia, Rony de Moura dos Reis, 34 anos, procura se focar na conclusão do curso de medicina, na Academia Internacional de Ecologia e Medicina de Kiev, e tenta não pensar em uma guerra. “Se precisar, retornarei para o Brasil. Os russos querem realmente a Ucrânia e usam o pretexto de que Kiev deseja fazer parte da Otan, o que colocaria armamentos do Ocidente dentro do território ucraniano. Putin quer anexar a Ucrânia, porque ela fez parte da União Soviética”, disse. Ele relatou que, antes de se instalar no país, onde reside há três anos, chegou à Rússia em 16 de março de 2014 e testemunhou uma coluna de tanques se dirigindo à Crimeia. “Dois dias depois, a Rússia tomou a península.”

REINO UNIDO

Ex-assessor acusa Johnson de mentir

Dominic Cummings, o influente cérebro da campanha do Brexit, acusou o primeiro-ministro Boris Johnson, nas redes sociais, de ter mentido no Parlamento. O premiê britânico afirmou, ante os legisladores, que achava que festa de 20 de maio de 2020 — a qual violou as regras do confinamento contra a covid-19 — era uma reunião de trabalho. Johnson esteve por 25 minutos na festa, ocorrida nos jardins de Downing Street, a residência oficial. Cummings assegurou que ele mesmo e outro funcionário avisaram Boris de que a festa estava sendo organizada. O secretário particular do premiê enviou 100 convites para o evento.

Depois de garantir não ter tido conhecimento da organização da celebração de 20 de maio de 2020, durante o primeiro confinamento, o chefe de Estado conservador mudou de tom. Pediu desculpa aos deputados, após a imprensa revelar que ele compareceu ao evento, um dos muitos que teriam sido organizados em Downing Street ao

Daniel Leal/AFP



Boris Johnson (D) e Dominic Cummings deixam Downing Street, a residência oficial do governo, em setembro de 2019

longo dos confinamentos impostos nos últimos dois anos. “O primeiro-ministro foi avisado sobre esses convites. Ele sabia que era uma festa. Ele mentiu no Parlamento”, tuitou Cummings, que não poupa injúrias contra seu ex-chefe desde que renunciou em novembro de 2020.

Em seu blog, ele acrescentou que Boris Johnson minimizou a importância de suas preocupações e se declarou disposto a “afirmar sob juramento” — tanto ele quanto outras

testemunhas. Um porta-voz do chefe de governo negou. “É falso dizer que o primeiro-ministro foi avisado com antecedência sobre este evento”, replicou.

Segundo ele, Johnson “implicitamente” acreditava que se tratava de uma reunião de trabalho. O assessor ressaltou que já está em andamento uma investigação interna a este respeito, liderada por uma alta funcionária de alto escalão, Sue Gray. Os pedidos de renúncia de Johnson nos últimos dias vêm aumentando,

inclusive de suas fileiras. Downing Street também pediu desculpas à rainha Elizabeth II por duas festas que aconteceram em abril de 2021, na véspera do funeral de seu marido, o príncipe Philip.

Para John Curtice — professor de política da Universidade de Strathclyde, em Glasgow (Escócia) —, a declaração de Cummings assegura que a questão central não mais envolve a violação das regras de lockdown por parte de Downing Street. “O que está colocado é se Boris Johnson mentiu ou não em seus relatos sobre o que ocorreu nessas festas. A maioria dos eleitores concluiu que não acredita mais no primeiro-ministro, mas o julgamento continua entre os torres (conservadores) do Parlamento”, afirmou ao **Correio**, por e-mail.

Força Aérea da Nova Zelândia/AFP



O retrato da devastação em Tonga

As primeiras imagens de Tonga depois da erupção de um vulcão que desencadeou um tsunami mostram a devastação nesse arquipélago do Pacífico, coberto por cinzas e com danos significativos. O território ficou praticamente isolado do restante do mundo pela erupção de um vulcão submarino, que cortou o cabo de conexão da ilha, a qual depende do sinal irregular dos telefones via satélite. A monumental coluna de fumaça do vulcão atingiu uma altura de 30km e espalhou cinzas, gás e chuva ácida por uma área muito ampla do Pacífico. O tsunami que se seguiu levantou ondas de até 15m na costa de Tonga, de acordo com um comunicado do governo. A nota classificou o desastre como “sem precedentes”. O Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) anunciou que três pessoas foram mortas, citando o governo tonganês.